

CARNAP E O PÓS-POSITIVISMO*

José Carlos Pinto de Oliveira
Deptº de Filosofia do IFCH - UNICAMP

Está em curso um processo de revisão histórica do positivismo lógico, caracterizado por uma franca tentativa de reavaliar e revalorizar o trabalho de seus principais representantes, principalmente Carnap, diante do que se considera uma leitura caricatural já cristalizada em tradição. Há aí um aspecto claramente positivo, a disposição de levar em conta a circunstância histórica na investigação de um movimento filosófico, valorizado ainda pela extensão do benefício justamente a um movimento filosófico que tão pouca importância atribuiu ele próprio à história. Há, no entanto, na tentativa particular que passo a considerar, alguns pontos que me parecem claramente negativos e a

* Trabalho apresentado no X Colóquio de História da Ciência, realizado em Campos do Jordão (SP) em setembro de 1997.

que vou me ater aqui, na esperança de contribuir para realçar o aspecto positivo do empreendimento.

Seu ponto de partida principal está no trabalho de Carnap posterior ao que Coffa chama de “os anos dogmáticos” (COFFA 1991, p.348) ou o período do “enfoque fundacional” (p.327), em que Carnap, “in a new tolerant mood”, admite a posição positivista apenas como uma posição entre outras (pp.348-9) e se abre ao convencionalismo ou ao holismo semânticos. Esse período convencionou-se chamar, imprecisamente (já que o artigo *A Antiga e a Nova Lógica*, por exemplo, de 1930, parece ter ainda o mesmo espírito) de o período posterior ao *Aufbau*.¹

O foco da irradiação mais recente parece estar no acesso a novos documentos proporcionado pelo “Unity of Science Movement Papers”, da Universidade de Chicago, onde foram encontradas duas cartas enviadas pelo editor (associado) Carnap ao autor Kuhn, por conta da publicação de *A Estrutura da Revoluções Científicas* na *Enciclopédia Internacional da Ciência Unificada*. O próprio fato da publicação naquele espaço, dado o caráter crítico da obra de Kuhn em relação ao positivismo lógico, provocou estranheza, e a compreensível excitação de historiadores diante, digamos, dos vestígios de um cavalo de Tróia, ampliadas com o teor elogioso da correspondência.

Para os defensores do revisionismo, no entanto, a estranheza se resolve plenamente: não há nada de estranho, afinal, com o acolhi-

¹ Kuhn, por exemplo, usa a expressão “the post-*Aufbau* Carnap” (HORWICH 1993, p.313).

mento institucional de Kuhn pelo positivismo lógico, através de sua publicação própria, nem com a camaradagem pessoal e profissional de Carnap. A estranheza é apenas aparente e pode ser explicada. Ela não passa de um subproduto da *received view* tal como construída pelo pós-positivismo. Na verdade, uma '*received but not sent view*', em que se opõem os dois movimentos em alto-contraste, preto no branco, como peça de propaganda filosófica. Para ilustrar esse ponto basta observar a forma como dois prestigiosos revisionistas, Michael Friedman e John Earman, introduzem seus artigos.

Desde seu "passamento oficial" – escreve Friedman –

"tem sido naturalmente um hábito ver o positivismo lógico como uma espécie de *bogeyman* filosófico cujas faltas e falhas precisam ser enumeradas (ou, menos freqüentemente, investigadas) antes que um 'novo' enfoque a ser dado à filosofia possa efetivamente começar. E tal atitude em relação ao positivismo lógico e seu passamento tem sido largamente dominante, não apenas no interior da comunidade mais estreita dos filósofos da ciência (que tem procedido caracteristicamente contra o pano de fundo da bem conhecida crítica de Thomas Kuhn), mas também na comunidade filosófica em geral. Entretanto, com o crescente distanciamento histórico do positivismo lógico, uma atitude mais desapaixonada, como era inevitável, tem também começado a emergir. Sem a ameaça ou o desafio do positivismo lógico como uma opção filosófica viva, está se tornando cada vez mais possível considerar esse movimento simplesmente como parte da história da filosofia, que, como tal, pode ser investigado imparcialmente de um ponto de vista histórico. De fato, temos visto nos últimos anos um autêntico florescimento de reconsiderações historicamente orientadas do positivismo lógico".

E continua Friedman:

“No decurso dessas reconsiderações, têm ficado nítido – de modo não inteiramente surpreendente, é claro – que a mencionada reação pós-positivista deu origem a um grande número de idéias seriamente enganosas sobre a gênese, as motivações e os verdadeiros objetivos filosóficos do movimento positivista. (Pouco se pode esperar de críticos filosóficos muito mais voltados para suas próprias agendas do que para a fidelidade histórica, além de gerar estereótipos e deformações.)” (FRIEDMAN 1991, pp. 505-506).

Já Earman escreve:

“Nas últimas duas décadas, o positivismo lógico tem servido de bode expiatório. Através da ênfase nas deficiências desse fracassado programa filosófico, as virtudes da nova filosofia da ciência pós-positivista passaram a parecer mais resplendentes. Não surpreende, é claro, o uso desses polêmicos artifícios, uma vez que eles são comuns na retórica das revoluções, sejam elas políticas, científicas ou filosóficas. O que eu acho torto nessa avaliação é a noção de que uma revolução filosófica se oponha a uma evolução já em curso. Pois, embora eu não seja um apologista do positivismo lógico, me parece que muitos dos temas da chamada filosofia pós-positivista da ciência são extensões de idéias encontradas nos escritos de Carnap e outros dos principais positivistas lógicos e empiristas lógicos” (EARMAN 1993, p. 9).

Um outro nome prestigioso entre os revisionistas, Thomas Uebel, vai mais longe nas atribuições de responsabilidade pela má leitura da obra do positivismo lógico. Seguindo a sugestão de uma nota de Friedman (nota 3, p.507), Uebel acusa Ayer e Quine de, na volta de suas viagens a Viena, transportarem em sua bagagem um produto ori-

ginal já contaminado pelo empirismo britânico de sua própria tradição. Ayer, primeiro, como seguidor do movimento e, depois, Quine como crítico, teriam contribuído decisivamente para os “retratos ingênuos” que se fazem hoje dos membros do Círculo de Viena, nas “histórias enlatadas” com que muitos escritores prefaciam seus novos trabalhos (UEBEL 1996, p.416).

Podemos dividir, para organizar, nosso grupo de revisionistas em dois subgrupos: os moderados e os radicais. Entre os moderados estão, por exemplo, John Earman e George Reisch (que publicou pela primeira vez as cartas de Carnap a Kuhn). Eles aceitam a existência de pelos menos duas fases importantes e bem distintas no desenvolvimento da obra filosófica de Carnap. Aceitam o que chamamos com Coffa de “os anos dogmáticos”, que incluíam o *Aufbau*, período orientado por um projeto fundacionalista. Em seguida viria uma segunda fase, caracterizada essencialmente por uma ruptura com os propósitos fundacionalistas e a que poderíamos chamar, numa concessão preliminar aos revisionistas, de a fase pós-positivista de Carnap.

Os radicais estão representados por nomes como Friedman e Uebel. Eles negam a existência de qualquer período que possa ser descrito como fundacionalista no trabalho de Carnap e rejeitam também, portanto, a ruptura admitida pelos moderados. Talvez por isso Uebel, como vimos, trate de contar uma história mais longa para explicar a má leitura de que o positivismo lógico teria sido vítima. Os radicais devem explicar não a fixação das críticas na fase fundacionalista, como os moderados, mas a própria idéia de um projeto fundaciona-

lista. É com esse ônus que Uebel debita a Ayer e Quine a má influência sobre a imagem do positivismo lógico (ou do Círculo de Viena, como prefere dizer para excluir Reichenbach, que seria, então, para ele, um fundacionalista juramentado) e não poupa nem simpatizantes conterrâneos dos membros do Círculo da acusação de incompreensão.

No que segue, apresento algumas críticas, primeiro aos moderados, depois aos radicais, e concluo com um breve *'tutti'*, levantando algumas questões mais gerais sobre o projeto revisionista.

Em primeiro lugar, é necessário desfazer uma confusão frequente nos textos revisionistas entre as relações de Carnap com o pós-positivismo e as relações do positivismo lógico com o pós-positivismo. Axtell, por exemplo, diz, caracteristicamente, que Carnap em suas cartas a Kuhn não vê o trabalho deste como “um radical afastamento de sua própria concepção” nem como “um assalto letal sobre os fundamentos do empirismo lógico” (AXTELL 1993, p.120). Na verdade, Carnap não se refere nunca ali ao empirismo lógico, mas apenas a seu trabalho sobre a lógica indutiva “em anos recentes” (Cf. REISCH 1991, p.267). O que ocorre aí, como em outros autores moderados (ver, p. ex., EARMAN 1993, p.9), é a confusão entre as teses de Carnap e as teses do positivismo lógico, particularmente grave no caso dos revisionistas moderados, que admitem pelo menos uma ruptura essencial na filosofia de Carnap e afirmam, afinal, exatamente a figura de um Carnap pós-positivista. É como se a evolução de Carnap fosse automaticamente a evolução do positivismo lógico enquanto tal, o “progresso do empirismo lógico” (REISCH 1991, p.275). Como se,

no caso de Carnap ter se tornado um hegeliano, se pudesse falar num positivismo lógico hegeliano...

E se Carnap não deve ser considerado um positivista ou empirista lógico depois da abjuração de certas teses, parece também pouco adequado opor Kuhn simplesmente aos “empiristas”, como faz Axtell (Cf. AXTELL 1993, pp.119 e 121). Kuhn certamente é, como afirma ser, um empirista – no sentido minimalista definido, por exemplo, por Quine quando sustenta via o holismo semântico que “toda a evidência de que a ciência dispõe é a evidência sensorial” (QUINE 1969, p.75) – embora Kuhn não seja, é claro, um empirista lógico.²

Os revisionistas parecem ser muito apressados nas conclusões que extraem das duas elogiosas cartas de Carnap dirigidas a Kuhn. São duas cartas muito breves. Descontados os detalhes puramente editoriais, resumem-se no seguinte:

Carta 1 (12/04/60):

“Acredito que a monografia planejada será uma contribuição valiosa à Enciclopédia. Eu mesmo estou muito interessado nos problemas com que você pretende lidar, embora meu conhecimento de história da ciência seja na verdade fragmentário. Entre muitos outros itens, gostei de sua ênfase sobre os novos quadros conceituais que são propostos em revoluções na ciência e, com base neles, o estabeleci-

² Numa nota enfática de suas respostas às objeções em *Crítica e Crescimento do Conhecimento*, Kuhn comenta com pesar a grave incompreensão de seu trabalho quando se imagina que para ele a ciência não seria empírica (Cf. LAKATOS & MUSGRAVE, p.263, nota 3). Ver também a questão retomada com nova ênfase em KUHN 1992, um de seus últimos textos publicados.

mento de novas questões, não apenas respostas a velhos problemas” (REISCH 1991, p. 266).

Carta 2 (28/04/62):

“Estou convencido de que suas idéias serão muito estimulantes para todos aqueles que estão interessados na natureza das teorias científicas, e especialmente nas causas e formas de suas mudanças. Achei muito sugestivo o paralelo que você traça com a evolução darwiniana: do mesmo modo como Darwin abandonou a antiga idéia de que a evolução se dirigia a uma meta predeterminada – homens como organismos perfeitos – e a viu como um processo de aperfeiçoamento por seleção natural, você enfatiza que o desenvolvimento de teorias não está dirigido à teoria verdadeira perfeita, mas é um processo de aperfeiçoamento de um instrumento. Em meu próprio trabalho sobre lógica indutiva em anos recentes, cheguei a uma idéia similar: que meu trabalho e os trabalhos de uns poucos amigos na solução passo a passo de problemas não devem ser encarados como se conduzissem “ao sistema ideal”, mas mais propriamente como um aperfeiçoamento passo a passo de um instrumento. Antes de ler seu manuscrito, eu não teria colocado a coisa exatamente nesses termos. Mas suas formulações e esclarecimentos através de exemplos e também sua analogia com a teoria de Darwin me ajudaram a ver com mais clareza o que eu tinha em mente. A partir de setembro, estarei no Stanford Center por um ano. Espero que a gente tenha oportunidade de estar junto e conversar a respeito de problemas de interesse comum” (REISCH 1991, pp. 266-267).

Segundo Reisch, pode-se contornar a estranheza provocada pela leitura dessas cartas, que atestariam a calorosa recepção da teoria destinada a “matar” o empirismo lógico por parte do “arconte do empirismo lógico” (REISCH 1991, p.276), considerando o trabalho mais

recente de Carnap. Ele apresenta alguns textos de Carnap aparentemente compatíveis tanto com o teor das cartas quanto com as concepções de Kuhn. O mesmo fazem os demais revisionistas. Fala-se, então, como Earman, no relativismo, no holismo semântico, e até na seleção de paradigma e no conceito de incomensurabilidade de Carnap (Cf. EARMAN 1993, pp.12 e 21).

O problema geral dessas aproximações (que não deixam de ser frequentemente um caráter crítico, em que se indicam também as diferenças entre Kuhn e Carnap) é a dificuldade de se apontar textos explícitos de Carnap sobre as revoluções científicas. São poucos e, em vários casos, posteriores ao contato com Kuhn, o que comprometeria, como reconhece Reisch, a lisura, a independência necessária ao paralelo que se procura traçar entre os dois autores. Recorre-se, assim, na verdade, para a analogia, ao "corpus carnapiano mais amplo" (REISCH 1991, p.270, nota 4), essencialmente aos estudos da linguagem (Cf. EARMAN 1993, p.21). Não creio que tal expediente seja inteiramente espúrio. A questão é que ele escamoteia um aspecto histórico relevante, o fato de que Carnap não está afinal se referindo à revolução científica e o que ele diz não deve ser tomado despreocupadamente como sendo "suas visões sobre o pensamento científico revolucionário" (REISCH 1991, p.270).

O que eu quero dizer é que esse lado da filosofia da ciência, a chamada dinâmica da ciência (Cf. KUHN 1977, pp. 12 e 267 e HORWICH 1993, pp. 312-313) não é um tema carnapiano. Isso parece muito claro no último livro de Carnap, dedicado diretamente à filoso-

fia da ciência: *An Introduction to the Philosophy of Science* (1966). Não há ali nenhuma referência, como se pode constatar rapidamente pelo índice remissivo, a temas como a revolução científica, a seleção entre teorias ou ao progresso. Além disso, Kuhn não é citado. Seu livro *A Estrutura das Revoluções Científicas* não aparece na bibliografia, nem no item “obras gerais” onde são arrolados os livros de autores como Nagel, Toulmin e Scheffler. Isso parece estranho. E acaso a estranheza poderia ser dissipada com o modesto argumento de que a obra é apenas introdutória ou foi editada por Martin Gardner?

O livro tem um prefácio assinado por Carnap, em que ele afirma ter acompanhado de perto o trabalho de edição de Gardner e ter feito, inclusive, amplas alterações e sugerido mudanças. Gardner, por sua vez, em seu prefácio de 74, diz ter conservado a bibliografia definida pelo próprio Carnap em 66. Já o caráter introdutório deve ser devidamente ponderado pelo fato de o livro ter sido publicado originalmente com o título mais pomposo de *Philosophical Foundations of Physics*, escolhido por Carnap (Cf. CARNAP 1995, p. vii).

Assim, a surpresa provocada pela negligência do suposto Carnap kuhniano em relação a Kuhn talvez possa ser compreendida pela ex-crescência acima sugerida, pela relativa ausência de temas ditos dinâmicos na filosofia da ciência de Carnap. Kuhn parece fazer menção exatamente a isso quando distingue seu trabalho em filosofia da ciência (ou sua área de concentração) de trabalhos mais voltados para a “lógica aplicada” ou aos problemas filosóficos da “causação ou do es-

paço e tempo”(KUHN 1977, p.12). E lá estão esses temas, efetivamente consignados no índice remissivo do livro de Carnap...

E não poderíamos avançar, com segurança, mais um passo nessa mesma direção? Carnap não estaria excluindo Kuhn de seu livro sobre filosofia da ciência porque o trabalho de Kuhn não seria para ele filosofia da ciência? Seria, quem sabe, sociologia da ciência, psicologia da ciência ou, para usar a única forma com que ele se refere diretamente ao trabalho de Kuhn nas cartas, história da ciência? Qualquer coisa que não filosofia da ciência? Qualquer coisa fora do chamado contexto da justificação? Em caso afirmativo, poderíamos contar com uma ótima alternativa para explicar aquela aceitação, considerada anômala, de *A Estrutura das Revoluções Científicas* para publicação justamente na *Enciclopédia da Ciência Unificada*.

Vejamos o que escreve Carnap na abertura de seu artigo *Logical Foundations of the Unity of Science*: “A tarefa de analisar a ciência pode ser abordada de diversos ângulos. (...) Podemos pensar, por exemplo, em uma investigação da *atividade* científica. Podemos estudar o desenvolvimento histórico dessa atividade. Ou podemos tentar saber de que modo o trabalho científico depende das condições individuais dos que trabalham em ciência ou da situação da sociedade que os circunda. Ou ainda descrever os procedimentos e instrumentos empregados no trabalho científico. Essas investigações da atividade científica podem ser chamadas respectivamente de história, psicologia, sociologia e metodologia da ciência. O objeto de tais estudos é a ciência enquanto corpo de ações levadas a efeito por certas pessoas sob

certas circunstâncias. A teoria da ciência nesse sentido será tratada em vários outros lugares desta *Enciclopédia*. É certamente uma parte essencial do fundamento da ciência.(...) Mas é possível abstrair em uma análise os enunciados da ciência das pessoas que fazem os enunciados e das condições psicológicas e sociológicas dessas asserções. A análise das expressões linguísticas da ciência mediante tal abstração é *a lógica da ciência*" (CARNAP 1938, p.42, grifo meu).

Para explicar a publicação da *Estrutura na Enciclopédia* não seria necessário, então, mais do que recorrer-se ao fato de que já estava previsto e reservado um espaço para ela no próprio projeto da *Enciclopédia*. Admitir sua classificação, por Carnap, como trabalho de história da ciência, de psicologia, de sociologia, metodologia da ciência ou tudo isso junto (como se poderia descrever muito bem o trabalho de Kuhn nos termos de Carnap) é muito simples, já que até hoje ainda se discute a concessão a Kuhn do honorífico título de filósofo da ciência. E admitir essa classificação será a forma mais natural, acredito, de resolver as duas estranhezas a que nos referimos: a publicação da *Estrutura na Enciclopédia* e o inteiro descaso do 'kuhniano' Carnap para com Kuhn no seu último livro, dedicado justamente à filosofia da ciência, e publicado bem depois do envio das elogiosas cartas.

Quanto aos revisionistas radicais, creio que há três críticas básicas que lhes podem ser dirigidas. Em primeiro lugar, a negligência em relação às evidências contrárias. Considere-se o seguinte trecho da autobiografia de Carnap, no volume editado por Schilpp:

“Sob a influência de alguns filósofos, especialmente Mach e Russell, no *Logischer Aufbau* eu considerava uma linguagem fenomenalista como a melhor para a análise filosófica do conhecimento. Eu acreditava que a tarefa da filosofia consistia em reduzir todo conhecimento a uma base de certeza. Desde que a maior parte do conhecimento certo é aquele do imediatamente dado, enquanto que o conhecimento das coisas materiais é derivativo e menos certo, parecia que o filósofo deveria empregar uma linguagem que usasse dados dos sentidos como base” (SCHILPP 1963, p.50).

Ou, mais adiante:

“De acordo com a concepção original, o sistema de conhecimento, embora crescendo constantemente em amplitude, era visto como um sistema fechado no seguinte sentido: nós assumimos que havia uma base sólida de conhecimento, o conhecimento do imediatamente dado, que era indubitável. Qualquer outro tipo de conhecimento se supunha sustentado por essa base e por isso igualmente decidível com certeza. Este foi o quadro que eu apresentei no *Logischer Aufbau*” (SCHILPP 1963, p.57).

Contra uma evidência luminosa como esta, Michael Friedman só oferece uma obscura resposta, escondida em uma nota. Segundo ele, Carnap só emprega uma tal linguagem fundacionalista retrospectivamente (Cf. FRIEDMAN 1991, p. 508). Em primeiro lugar, esse não é o caso. Carnap usa a mesma linguagem em, por exemplo, *The Old and the New Logic*, de 1930 (Ver AYER 1959, pp.143-144). E mesmo que isso fosse verdade, suspeito que tal linguagem retrospectiva deveria ser levada em conta. Thomas Uebel também descarta essa questão. Ele nem ao menos cita a autobiografia. Em sua bibliografia, aparece o

volume editado por Schilpp, mas apenas para destacar as respostas às críticas, deixando assim de fora, explicitamente, a autobiografia...

Uma segunda dificuldade dos revisionistas radicais está na explicação que oferecem para a origem e persistência da má leitura de que teria sido vítima o positivismo lógico desde o seu princípio. Parece muito aventuroso atribuir os equívocos de interpretação aos 'divulgadores' Ayer e Quine, que teriam assimilado mal o movimento em suas rápidas visitas a Viena, e assim difundido para o mundo um produto contaminado pelo empirismo britânico, como pensa Uebel (e, mais discretamente, também Friedman). A dificuldade está em sustentar essa versão diante de evidências inteiramente desfavoráveis. No manifesto positivista lógico, *A Concepção Científica do Mundo* (1929), escrito por Neurath, Hahn e Carnap, os nomes de Hume e Mill aparecem duas vezes na genealogia do movimento (Cf. NEURATH 1985). Vale destacar a menção de Carnap, num verbete para o dicionário de filosofia editado por Runes, aos nomes de Hume e Mill que, ao lado de Mach, comporiam "o antigo empirismo e positivismo", segundo Carnap, uma das três alas historicamente influentes na eclosão do movimento (RUNES 1942, p.285).

Faço questão de citar esse malfadado dicionário, quando poderia facilmente recorrer a outras fontes, porque ele permite uma nuance à minha crítica. Carnap foi um dos treze colaboradores signatários de uma nota de protesto, publicada em vários periódicos filosóficos, contra a política editorial do dicionário, em vista dos inúmeros erros tipográficos ocorridos na publicação (Cf. SCHILPP 1963, pp.1032-1033).

Isso oferece uma boa oportunidade para se questionar a crítica dos revisionistas radicais à versão do positivismo lógico divulgado por Ayer e Quine. Será que Carnap, que fez questão de assinar a nota de protesto contra os erros tipográficos do dicionário, teria deixado passar em branco uma leitura completamente equivocada de seu trabalho? E a teria mesmo endossado, permitindo que fossem editados por Ayer alguns de seus artigos no *Logical Positivism* (1959), precedidos de um ensaio introdutório do editor e ainda escrevendo algumas notas especialmente para a edição?...

A terceira crítica básica que pode ser endereçada aos revisionistas radicais diz respeito à quantidade de ressalvas necessárias para a sustentação da tese de que Carnap nunca teria sido fundacionalista. As primeiras ressalvas, as mais importantes, foram destacadas e comentadas acima: 1) não se deve levar em conta as declarações de Carnap sobre seu próprio trabalho feitas em sua autobiografia intelectual e 2) não se deve levar a sério o que dizem Ayer e Quine em sua 'literatura de viagem' sobre o suposto fundacionalismo do Círculo de Viena.

A par disso, Friedman recorre freqüentemente a textos pregressos dos positivistas lógicos, do período que Coffa chama de "before Vienna", para defender seu ponto de vista anti-fundacionalista sobre o positivismo lógico. Acaso, então, devemos acolher a ressalva de que se tomem os positivistas lógicos como positivistas lógicos independentemente das teses que defendam? Uma vez positivista lógico, sempre positivista lógico? É a mesma tese dos revisionistas moderados quando falam na evolução de Carnap como sendo a evolução do

positivismo lógico, já criticada, mas numa versão mais radical, como convém a um revisionista radical, ou seja, com efeito retroativo. Produz-se, assim, uma imagem de solidez intelectual, uma imagem monolítica de cada positivista lógico, tão monolítica quanto irreal, mas consistente com a tese radical de que não é necessário postular uma ruptura no trabalho de Carnap (Cf. UEBEL 1996, p.425).

Para se completar o esboço desse penoso esforço de guerra do anti-fundacionalismo, vale atentar para uma passagem de Uebel, que parece sintetizar muito bem esse clima. Depois de responsabilizar Ayer e Quine pela falsa interpretação do positivismo lógico, ele escreve:

“Devo logo deixar claro que registro isso sem indignação, pois é também um fato que filósofos muito mais próximos do Círculo de Viena do que seus visitantes inglês e americano tiveram dificuldades em perceber a perspectiva distinta que eu desejo focalizar. Assim, em 1930, Carnap sentiu-se compelido a dizer a Reichenbach (...): ‘Todos nós aqui somos de opinião que a filosofia se encontra atualmente em um decisivo *turning point*, que não é uma questão apenas de continuar com a filosofia feita até agora de uma maneira aperfeiçoada, de um modo mais cuidadoso’. Obviamente, a natureza daquele *turning point* era uma matéria muito sutil. Dado que, de fato, nem mesmo os protagonistas do Círculo encaravam essa questão de frente, questão que, por razões em última instância políticas, raramente foi abordada em publicações, devo acrescentar que minha reconstrução pretende se concentrar precisamente naquilo que eles teriam discutido naquela ‘tarde livre’” (UEBEL 1996, p.417, grifos meus).

A sensação que me vem com essas ressalvas laboriosas, esses virtuais ‘epiciclos’ e ‘excêntricos’ em que a tese é envolvida – muito

mais, talvez, para mascarar as aparências fundacionalistas do que salvar as aparências anti-fundacionalistas – é que o que os revisionistas radicais propõem não é, na verdade, uma revolução copernicana na interpretação do positivismo lógico, mas, de algum modo, uma revolução ptolomaica.

Para concluir, gostaria de começar por realçar o aspecto positivo do empreendimento, até aqui velado pelas críticas, e preparar o terreno para uma crítica final mais geral. Creio ser muito interessante e útil o esforço de aproximação de Kuhn e Carnap. Refiro-me ao Carnap não positivista, que parece poder contribuir claramente para o estabelecimento, a compreensão ou o refinamento do paradigma pós-positivista da filosofia da ciência, pois, a par das diferenças (apontadas por Earman e outros revisionistas moderados), os pontos de contato parecem ser muito amplos e promissores. É como se Kuhn e Carnap cavassem o mesmo túnel: Carnap do lado não-histórico e Kuhn do lado histórico, podendo se encontrar em algum lugar no meio do caminho. (Ver, por exemplo, IRZIK e GRUNBERG 1995, p.301).

Isso nada tem que ver, no entanto, com o trabalho historiográfico que critico aqui. O revisionismo historiográfico defende, evidentemente, uma tese historiográfica e é ela que critico. Segundo os revisionistas, Kuhn (representando o pós-positivismo) teria feito vista grossa para a evolução de Carnap ou do positivismo lógico (segundo os moderados) ou para a verdadeira natureza, não-fundacionalista, do positivismo lógico (segundo os radicais). Tal expediente seria parte da estratégia de *marketing* filosófico ou da destrutiva retórica revolucio-

nária do pós-positivismo. Os revisionistas insinuam francamente a má fé do procedimento (principalmente da parte de Kuhn, que teria desprezado heroicamente as cartas e a inconveniente simpatia de Carnap), mas, muito compreensivos, logo o situam, com a ciência, na 'boa companhia' do conhecido '*fair play*' revolucionário da política...

O revisionismo viria, então, para resgatar a verdadeira imagem do positivismo lógico, soterrada sob o lamentável (mas compreensível) arrivismo, e livrar a opinião pública filosófica ou o senso comum filosófico das largas e infundadas crenças de que "a filosofia da ciência pós-positivista representa uma ruptura revolucionária em relação ao positivismo, seu aqui-rival" (IRZIK e GRUNBERG 1995, p.304), crenças equivocadas que, não obstante, teriam conduzido inadvertidamente à mudança filosófica (Cf. IRZIK e GRUNBERG 1995, p. 305 e REISCH 1991, p.276).

Esse tom cínico e suspeito que perpassa o texto dos revisionistas parece chegar a seu clímax natural aqui ao sul do equador, no artigo de Nélida Gentile, da Universidade de Buenos Aires. Ela troca o cinismo por um mal reprimido desejo de passar uma descompostura em Kuhn pelo descaramento de apresentar sua posição sem originalidade "como absolutamente renovadora". E conclui dizendo que a principal diferença entre Kuhn e Carnap é que "à coerência, precisão e rigor filosóficos que caracterizam os escritos de Carnap, se opõe o caráter metafórico e, freqüentemente, vago e obscuro das exposições de Kuhn" (GENTILE 1996, p. 93)...

Penso que, de todos os modos com que se quer fazer de Carnap um kuhniano – seja um precursor de Kuhn, um mentor de Kuhn, ou, quem sabe, o original de Kuhn – nenhum parece mais adequado ou verossímil do que o de personagem kuhniano, personagem de uma crise kuhniana de mudança. Quine reconhece que segue os passos de Carnap, no caminho das mudanças patrocinadas pela própria autocrítica de Carnap, e apenas acrescenta um passo, o decisivo, o reorganizador, aquele que Carnap não dá, por acreditar ser um passo em falso, para fora da Epistemologia.

Kuhn parece ter seguido outra rota. Ele mesmo diz, constrangido diante das suspeitas dos revisionistas, quanto, digamos, a sua originalidade, não ter dado atenção ao “post-*Aufbau* Carnap” (HORWICH 1993, p.313). Ou seja, a partir de um determinado momento, depois das autocríticas e das descaracterizações sofridas pelo movimento, Kuhn abandona o interesse pelo positivismo lógico. O mesmo ocorre com os desafetos metafísicos do positivismo, que já não tinham com o que se incomodar, e logo se desinteressaram até pelo festival de abjurações, pelo desfile de remendos teóricos em que lhes pareceu ter se transformado o positivismo lógico.

E seria muito difícil ver as coisas de outro modo. O positivismo estava cedendo espaço ao descritivo, sem deixar de ser normativo, na intenção. O barco de Neurath fazia água, era reconstruído em alto mar, mas ainda vagava em busca de terra firme. O paradigma estava frouxo, roto, mas não havia outro. Carnap já não será um positivista lógico, mas não será também um pós-positivista. Será, talvez, um despositi-

vista lógico. É o que parece dizer nas notas pós-escritas a seus artigos no volume de Ayer, onde reconhece suas profundas mudanças, mas não deixa de acrescentar que, essencialmente, sua posição é a mesma. (Cf. AYER 1959, pp.197-198).

O que estou sugerindo é compatível com os resultados do trabalho historiográfico de Coffa que, analisando a obra de Carnap no contexto histórico definido por seus antecessores e contemporâneos, se refere frequentemente à hesitação de Carnap no período que se seguiu aos “anos dogmáticos”. Coffa fala, por exemplo, com respeito ao *Logical Syntax of Language* (1937)³, da “vaga atmosfera filosófica que envolve o livro” ou que Carnap trabalhava “sem ter muita idéia do que poderia vir a nascer das sementes que estava plantando” (COFFA 1991, pp. 320-326).

Eu chamaria ainda a atenção para um detalhe significativo da segunda carta de Carnap a Kuhn. Lá, ele elogia a teoria de Kuhn pela luz que ela traria à compreensão das teorias científicas, mas, mais explicitamente, pelo modo como ela contribuiu para que ele entendesse o seu próprio trabalho, em anos recentes, sobre lógica indutiva. E frisa que não o teria visto exatamente daquela forma sem as idéias de Kuhn.

Creio que se pode concluir, com Borges (mencionado também por Coffa, em outro contexto), que todo grande escritor cria e justifica seus precursores. E acrescentar: cria também os revisionistas, os que

³ O original alemão *Logische Syntax der Sprache* é de 1934.

saem com suas novas lanternas traseiras a caçar precursores na noite, para, às vezes, ungi-los como inventores. Eis aí como Kuhn é perversamente envolvido nessa bem intencionada revisão de Carnap e o positivismo lógico. Ele, Kuhn, que talvez esteja historicamente por trás de mais esse esforço historiográfico, acaba exposto à frente de todos como uma espécie de usurpador...

Assim, o revisionismo me parece equivocado nessa sua tentativa *whig* de reabilitar Carnap ou o positivismo lógico, falando no princípio de tolerância, destacando o *low-profile* do Carnap pós-*Aufbau* e esquecendo completamente o virtual 'princípio de intolerância' que governou o "orgulhoso movimento filosófico" (a expressão é de Haller) em seus anos dogmáticos, ou a "filosofia para acabar com todas as filosofias" (na expressão de Feigl). Na verdade, nenhum dos dois precisa ser reabilitado. Não é porque o positivismo lógico tenha se transformado em bode expiatório, como dizem os revisionistas, que precise ser protegido da crítica apelando para o *clinch*, abraçando o adversário. E nem há adversários, no caso. A relação é de ascendência-descendência, com toda sua ambivalência freudiana. E o positivismo lógico, fundacionalista, é suficientemente importante como referência, como renovação contemporânea do sonho da certeza, como o ideal e padrão em relação ao qual podemos medir e temos medido o tamanho de nossas renúncias epistemológicas, para merecer ser reabilitado como precursor de quem quer que seja. Ou como inventor do que quer que pareça, agora, aos revisionistas, menos ingênuo. Falo respeitosa-

mente, na qualidade de mais um crítico do positivismo lógico. Não há mais nada a fazer em nome do pai.

OBRAS CITADAS:

- AYER, A. (ed.) *Logical Positivism*. Glencoe, Free Press, 1959.
- AXTELL, G. In the Tracks of the Historicist Movement: Re-Assessing the Carnap-Kuhn Connection. *Stud.Hist.Phil.Sci.*, vol.24, 1993.
- CARNAP, R. Logical Foundations of the Unity of Science. In *International Encyclopedia of Unified Science*. Chicago, University of Chicago, 1938.
- _____. *The Logical Structure of the World*. Berkeley, University of California, 1967. (Original em alemão: *Der Logische Aufbau der Welt*. Berlin, Weltkreis, 1928).
- _____. *The Logical Syntax of Language*. London, Routledge, 1937. (Original em alemão: *Logische Syntax der Sprache*. Wien, Julius Springer, 1934).
- _____. *An Introduction to the Philosophy of Science*. N. York, Dover, 1995.
- COFFA, J.A. *The Semantic Tradition from Kant to Carnap*. Cambridge, Cambridge University, 1991.

- EARMAN, J. Carnap, Kuhn, and the Philosophy of Scientific Methodology. In HORWICH, P.(ed.).
- FRIEDMAN, M. The Re-Evaluation of Logical Positivism. *J. Philosophy*, vol.88, 1991.
- GENTILE, N. Holismo Semántico e Inconmensurabilidad en el Debate Positivismo-Antipositivismo. *Crítica*, vol.28, 1996.
- HORWICH, P. (ed.). *World Changes*. Cambridge, The MIT Press, 1993.
- IRZIK, G. e GRUNBERG, T. Carnap and Kuhn: Arch Enemies or Close Allies? *Brit.J.Phil.Sci.*, 46, 1995.
- KUHN, T. *The Essential Tension*. Chicago. University of Chicago, 1977.
- _____. *The Trouble with Historical Philosophy of Science*. Cambridge, Harvard University, 1992.
- LAKATOS, I. e MUSGRAVE, A. (eds.) *Criticism and the Growth of Knowledge*. Cambridge, Cambridge University, 1970.
- NEURATH, O. et. all. La Conception Scientifique du Monde. In SOULEZ, A. (ed.) *Manifeste du Cercle de Vienne et Autres Écrits*. Paris, PUF, 1985.
- QUINE, W. *Ontological Relativity and Other Essays*. N. York, Columbia University, 1969.
- REISCH, G. Did Kuhn Kill Logical Empiricism?. *Philosophy of Science*, 58, 1991.
- RUNES, D. (ed.) *The Dictionary of Philosophy*. N.York, Philosophical Library, 1942.

SCHILPP, P.(ed.) *The Philosophy of Rudolf Carnap*. La Salle, Open Court, 1963.

UEBEL, T. Anti-Foundationalism and the Vienna Circle's Revolution in Philosophy. *Brit.J.Phil.Sci.*, 47, 1996.

NOME (Name): _____

ENDEREÇO (Address): _____

RECEBEMOS: _____

We have received: _____

FALTA-NOS: _____

We are lacking: _____

ENVIAMOS EM PERMUTA: _____

We are sending in exchange: _____

DATA: _____

Date: _____

ASSINATURA: _____

**A NÃO DEVOLUÇÃO DESTE IMPLICARÁ NA
SUSPENSÃO DA REMESSA**

Non-acknowledgement of receipt will indicate that further
publications are not wanted.

À
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH
SETOR DE PUBLICAÇÕES
Cidade Universitária “Zeferino Vaz”
Caixa Postal 6.110
13081-970 - Campinas - São Paulo - Brasil

Tel.: (019) 788.8342
Telefax (019) 239.3327